

JOSÉ DE MESQUITA
(Da Academia Matogrossense de Letras e
Centro Guaporense de Letras)

*Os Poemas
do
Guaporé*

*CUJABÁ
MCMXXIX*

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita
(*10/03/1892 †22/06/1961)
Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita
<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>



Poema de Santo Antônio do Rio Madeira

Como eu já. te estimava e te queria
do fundo de minha alma afetiva e romântica,
mesmo antes de conhecer-te, Santo Antônio!
Por uma lei de afinidades elativas,
amava-te, no teu Passado augusto e prospero,
e sentia uma, humana e profunda piedade
por teu presente de declínio melancólico...
Mas, quis Deus que eu viesse conhecer-te,
ver, de perto, os teus encantos envolventes,
feitos de sonho, de meiguices e doçura.
Cidade do ouro negro, de outros tempos,
bela e atraente em teus aspectos donairosos,
a estender-te entre os cômodos e bosques,
adormecida ao burburinho, da cachoeira...
Santo Antônio do Rio Madeira,
irmã, de Vila Bella, Diamantino e Chapada
e outros lugares do meu Mato Grosso,
Vila Bôa, Ouro-Preto, e outras cidades,
como tú, que tiveram os seus dias
de pompa, de esplendor e hoje vivem apenas,
das suas glórias e do fausto antigo,
atestado nas “certidões” e nas “taperas”

Como és bela. encoberta na magia
do teu Passado - «única realidade»
que exsurge na visão nostálgica, e suave
do Presente, a evocar o que foste, no que és...
‘Aqui era um hotel’ . . . Grande e movimentado,
(hoje umas pedras de alicerce...)
Ali, a padaria...a casa do Intendente...
mais adiante, o jardim, que jardim primoroso!
(hoje um bamburro apenas...)
E vamos escutando, comovidos,
a crônica de Santo Antônio, esmiuçada
pela «dona» que acompanhou por 34 anos
a grandeza e a ruína da Cidade.
“Parece um sonho”—dizem e eu repito.
Sobe, nos corações, a enchente da Saudade,
Escachoa nas almas a ternura,
cantando a sua endeixa, mais dorida
do que o guaiar profundo da cachoeira.
Subimos para ver a Capelinha,
Que, no alto do morro, paira, ainda,
dominando os escombros.
atravessamos o bosque
poético e ainda cheio de frutas de outros tempos.
Galgamos os trilhos rústicos,
Entre pedras, vendo, ao longe e ao largo,
Espriar-se o rio lindo e pitoresco
que é mais lindo aqui que em qualquer outra parte.
E há construções, e fortalezas palácios,
De pedra escura, em volta ao Monumento
da Independência, em cuja. Placa antiga
lemos nomes de gente, quase toda
já desaparecida...
E há também uma tribuna, donde
Santo Antônio, por certo fala aos peixes.

E entramos a igreja — ó que beleza !
uma bucólica viva,
e admiramos a imagem tão perfeita
com o Menino Jesus mais belo deste mundo!

Voltamos. Desce a noite. O luar desponta...
("Que tarde! expira o Sol... último Sol de agosto !")
E dou-me por feliz, de ter ficado
preso — segunda vez ! em Santo Antônio.
para melhor gozar a sua amenidade,
mais expressiva nesta hora do sol posto
e do cair da noite...
Crepúsculo no céu... Crepúsculo nas almas...
Santo Antonio do Rio Madeira,
cidade crepuscular, és bem para ser vista
a esta hora de Sonho e de Saudade!

Mas tu renascerás! e já antevejo,
na minha fantasia de poeta,
o teu Futuro grande e radioso,
fênix a ressurgir das próprias, cinzas:
quando, parque magnífico e formoso
de turismo, atraíres
ao teu seio, os olhares cobiçosos
dos visitantes vindos de outras terras,
presos aos teus amavios,
não te esqueças jamais O Poeta que aqui veio
numa. tarde romântica,
e te ofereceu a sua alma
neste poema de exaltação e de beleza !

PôrtoVelho, 31-8-47

II

Poema da hora da Ave Maria

No Aeroporto da "Panair" em Porto Velho

Quando o carro que nos levara chegou ao aeroporto,
já no céu, nas águas do rio e nas matas do "beiradão"
a noite ia descendo, envolvente e cheia de sortilégios..
A sombra, a grande sombra, diluía os aspectos das coisas
E corroia, num ácido de ternura, as nossas almas
amortecidas.

O silencio era augusto. Nem mesmo as crianças tagarelas
ousavam quebrar aquele ritual litúrgico da tarde.
Tudo se transformava na magia crepuscular.
Nós também nos transformávamos em seres diferentes
Ao contacto sutil da varinha de condão da Poesia,
que humaniza as feras, angeliza ou diviniza homens e
mulheres.

Poesia, única expressão da Vida máxima e suprema,
e razão superior e última de existirmos...
"Que horas tem?" pergunta alguém ao meu lado.
E eu olhando o Tissot: Hora da "Ave Maria"...

OS POEMAS DO GUAPORÉ

Ó a doce perturbação indefinida
que nos traz aquela ora, e aquele lugar!
Paisagem que eu já vira tantas vezes,
Mas que não vira nunca assim, nesta hora recolhida
e doce,
do morrer do dia — tristeza e saudade — um túmulo. . .
do nascer da noite — desejo e volúpia — um berço. . .
Aí foi que vi que para entender-te, ó Natureza!
para te penetrar a alma profunda e grávida de mistério,
não é preciso ser pintor, Coror ou Batista da Costa,
nem musico — Chopin ou Vila Lobos.
Basta ter alma e sentir...
Basta ser Poeta e auscultar a inspiração dos seres der-
ramada na coisas,
E a alma dilatar-se na paisagem, a paisagem fazer se
alma. . .
Hora romântica, hora sem igual na vida,
Vezes quantas já te gozei, nos logares e épocas mais
diversas,
mas de cada vez parece que te sinto mais e melhor,
porque vou compreendendo mais e melhor a vida!
E sem sentir, já descíamos, num andar quase de
autômatos,
aquela escadinha sem fim que leva ao pranchão, lá
embaixo,
numa ânsia de evasão para o Desconhecido,
na corrida louca para o Sobrenatural e o irreal . . .
— É uma fuga? — dizem e eu respondo:
— Vamos para Manaus. . . Vamos para a imensidão da
Amazônia. . .
(ó si ali houvesse um avião, um navio, uma igarité
que fosse...)

JOSÉ DE MESQUITA

E ali ficamos, horas perdidas, até que escureceu de todo.
Aquele lugar, aquela hora, aquilo tudo (e nós principal-
mente...)
dava a impressão de uma evasão da realidade...
Si, Santo Antônio, essa hora no seu enleio macio,
nos convidava a ficar, a fixar-nos, a não sair mais,
(porque Santo Antônio é nossa terra, é Mato Grosso
ainda...)
aqui, ao contrário, sentimos a sedução do Ignoto.
a vertigem do Rio-Mar, do além, as ganas do Infinito,
e a vontade, de viver uma vida diferente!
— Olha! tudo é tio diferente!
As coisas tomam outros aspectos (como a gente. . .)
'Tudo se sobrenaturaliza — a paisagem e as almas.
O rio e a mata se confundem, nas manchas e reflexos.
— Ali parece um capinzal — e é o matiz o da sombra
n'água...
E vemos, coisas fantásticas e—o que é pior.—*sentimo-las*.
Mas é preciso voltar. É preciso, infelizmente. . .
E iniciamos, devagar, a subida, tão longa e estranha,
que aquela escadinha parecia ter mil degraus na volta...
Nesse momento,
um canoeiro embicava na praia lá embaixo.
— Olha o canoeiro! — E estas palavras restituem-nos à re-
alidade.
Despertamos, afinal, daquele sonho
que sonhávamos acordados...
Já era noite.
Noite no céu, no rio, na terra, nas matas ribeirinhas...
Mas uma alvorada de Poesia em nossas almas.

Porto Velho, 21-9-47

III

Poema de uma noite de luar em Santo Antônio

Ó, como esperamos por esta noite de luar em Santo
Antônio!

Uma vez — chovia e a lua não vinha.
outra vez — vinha gente e atrapalhava o passeio da gente.
Mas afinal, chegou o dia, ou, melhor, a noite tão esperada !
(Como é bom saber esperar ! quem espera sempre alcança.
E Deus recompensa largamente os pacientes . . .)
Saímos da Cidade às oito e quinze
e só chegamos, acabamos de chegar, quasi nove horas...
Notaram que Santo Antônio essa noite ficou mais distante?..
Por que será? por que?
mas que importa, né ? antes ficasse mais longe, para lá do
Jaci , . .)

Chegamos. Que.beleza! o luar de leite
jorrava do seio da lua, e nos pôs tontos, deslumbrados...
Lembrava Catulo, Musset, Alberto de Oliveira. . .
— “Não há, ó gente, não, luar como este do Sertão...”
— “La lune, comme un point sur un i ...”
— “La vem surgindo a lua cheia, vem tão redonda, tão
redonda...

Eu disse versos... E a Poesia nos embriagava. (São duas
coisas perigosas — Poesia e luar. . .)
A poesia estava, em nós . . . Nós, dentro dela.
E iniciamos a jornada romântica,
entre o Silêncio, a Solidão, a Beleza da paisagem,
que era como uma Mulher saída de uma novela antiga.
Galgamos morros. Caímos na descida (o “seremos sempre
crianças” . . .)

Entramos pelo bosque. Fomos até a linda Capelinha.
E tomando por trilho desconhecido,
que nos ensinou o filho de zeladeira”
fomos ver a festa do seu Raimundo “um aniversário”.
Que casa grande colonial, de fachada fidalga !
“Bôa para a gente ! Bôa para passar uns dias de férias ! ...
Dançavam, Corria “gramática” Que festa interessante!
Dai um pouco, voltamos.
E pelo caminho, quanta criançice!
— Não é que o luar de Sto. Antônio pos a gente criança de
novo?

Enfeitiça-nos, atua em nós, como as coisas de S. Bárbara...
Mas que luar que nem parece deste mundo!
A estrada é de prata. O rio, as matas, são de ouro.
Além, uma estrelinha.
nos mostra um rumo tão diferente do que seguimos.
— Forte estrelinha levada!
Mas (que pena!) temos de voltar. Porto Velho, ao longe,
esplêndida, iluminada, nos chama à realidade.
Chegamos em casa já quase às onze e meia.
Por pouco voltaríamos no dia seguinte, não?
ou, então, nem voltaríamos, nunca, nunca...

Ó o luar de Sato Antônio do Madeira!
Que noite! que luar! e que passeio aquele!
Chego, mesmo, a pensar que jamais nos veremos
outro luar assim em parte alguma, em tempo nenhum.
O luar continua. . . Santo Antônio não acaba:
nós é que, que não encontraremos outro luar como este. .
E até fazemos um voto a Santo Antônio
de levar-lhe umas flores para seu altar tão pobre,
além das velas que já trouxemos. . .
e pedimos-lhe a graça
de nos dar (ó tão difícil, mas Ele é tão milagroso!)
de nos dar, uma outra noite,
outro Luar, outro Paisagem, outra Emoção,
e outra Poesia, como essa
de uma noite de lua em S. Antônio!

Porto Velho, 27-9-1947

IV

Poema da despedida de Porto Velho

Já o “Douglas” tatala as asas na arrancada do vôo.
Regurgita o Caiari de gente amiga — toda a gente.
Vejo-te, Porto Velho, na hora da partida.
recapitulo esse meio ano aqui vivido,
e, que passou, leve e rápido, feito hum sonho.
Do alto, oblíqua, aos roncões do motor, te vejo,
na magia encantadora desta manhã ensolarada:
— as torres da Catedral, que se iluminam, fééricas, nas tua
noites profundas,
o rio, largo e sereno, da curva de S. Antônio até o aeroporto;
os “três Chineses” característicos da tua paisagem,
como os apitos longos, finos, que marcam o ritmo da tua vida;
os caminhos familiares dos “Tanques” e dos “Milagres”;
a feira alegre e movimentada dos sábados,
os trens da Madeira - Mamoré, com seus silvos alternando
com as “chamadas” das missas, nos sinos álacres
e o apitar dos navios que vem de Manaus e Belém;
o Colégio, lá encima, o Hospital, todo branco, numa visão
de presépio,
os “Inocentes” de que guardo a lembrança do dia dois,
iluminados...

E o “Mocambo” barulhento, favela da cidade;
a Baixa - da União e a Arigolândia;
o quartel da Guarda, bucólico, à beira-rio;
e o Aero-Clube e o Duque de Caxias, a emergir da planura deserta...
Passam-me pela mente, nesta hora panorâmica,
as noites de Arraial, bulhentas e festivas,
na festa de Nazaré, inesquecível no seu pitoresco;
as capelinhas de S. Antonio e S. Francisco, suaves e sugestivas;
o “quilometro um”, no bairro proletário,
porta do Sertão, limiar misterioso da Rondônia;
as estradas das Pedrinhas, da olaria do Raimundo e a do “Mesquita”,
E ouço teu linguajar inesquecível:
“Tem não...A gente vai...tou enfadado”
E converso com os “beiradeiros” e ouço o alarido bárbaro
do “samborocó”, nas rezas de Santa .Bárbara...
E saboreio teus acepipes: a tartaruga, as frutas agrestes,
— biriba, copuassú e caju — banana....
Mais do que. Tudo, porém, evoco
a solidão das tuas noites, prenhes do mistério da Amazônia,
e a beleza dos teus crepúsculos, tão doces e tristes e belos
como a Saudade, que, sinto bruxoleando nos corações amigos,
à hora da despedida...

Porto Velho, 6-11-47

V

PORTO VELHO

Ao lento e doce fluir das águas do Madeira
que te embala e te viu o berço e o crescimento,
te estendes, do Mocambo ao Caiarí, faceira,
aos céu; erguendo o porte altivo e cismarento.

Tua paisagem traz-me sempre ao pensamento
teu passado viril, a tua História inteira,
e vejo-te enquadrada, entre o teu céu nevoento,
entre a hévea, o assaí e a esbelta castanheira.

Porto Velho... de quando ao teu porto chegavam
os arigós de outrora os que te desbravavam
a selva, aqui lançando um marco promissor,

tu serás, dentro em breve, o Porto novo, abrindo
o seio a quantos vêm teu futuro construindo,
na epopéa sem par do mais nobre labor.

VI

GUAJARÁ-MIRIM

Atalaia da Pátria, entre os rincões do Oéste,
acolhes num abraço, hospitaleira e lhana,
os que te buscam, sob o sol que te reveste,
entre o verde eclodir da selva americana.

Conservas ainda o aspecto original e agreste
da gleba sertaneja e o teu povo se irmana,
ao do país fronteiro, a que fagueira deste
o amplexo fraternal á gente boliviana.

Nostálgico e suave, o Mamoré te banha,
casando, na cadência, a alma longínqua e estranha
dos Andes, donde vem o Beni, junto assim

ao lindo Guaporé, no murmúrio cantante,
que me evoca, num sonho, o meu rincão distante,
sob os teus céus azuis, ó Guajará — Mirim!